
As Feiras como Espaços Públicos de Sociabilidade, Representação e Desenvolvimento para as Urbes Portuguesas e Brasileiras.

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo - giovannaaquino@ig.com.br ; Giovanna de Aquino Fonseca Araújo - giovannaaquino@ig.com.br ;

Feiras, cidades e desenvolvimento

Desde a antiguidade o comércio teve um papel preponderante, inicialmente com a preocupação quanto a subsistência e posteriormente por meio de uma economia ainda primitiva através das trocas comerciais se buscava a lucratividade necessária para a acumulação de bens. É sabido que tal comércio, muitas vezes originou as cidades, sendo também responsáveis pelo desenvolvimento delas. Nesse sentido, as feiras ocupam papel de relevância nesse cenário mercantil, pois desde muito cedo, já na antiguidade foram percebidas como mercado de troca existente, tendo as cidades como locais onde essa actividade estava provavelmente concentrada. Entretanto, foi no medievo, diante da troca de produtos que emergiu e do desenvolvimento das forças produtivas com o renascimento comercial que tem as feiras como os locais que favorecem o desenvolvimento desse comércio nas cidades uma vez que não haviam meios de transporte desenvolvidos nem tão pouco procura muito acentuada e constante por mercadorias em comércios permanentes. Assim a realização de feiras periódicas, realizadas uma ou duas vezes por semana nos feudos, e posteriormente nas urbes era um instrumento de vida local e se constituiu numa forma de estabelecer um comércio de carácter fixo. Ou seja, o surgimento de algumas cidades e o desenvolvimento de outras se deve ao comércio empreendido pelas feiras. Objectivamos com o presente trabalho abordar questões relativas as cidades que tiveram as feiras como espaço público de desenvolvimento económico cidadão, mas sobretudo enquanto espaços de sociabilidade, de reciprocidade, de identificação patrimonial e de representação simbólica e cultural. Vê-mos as cidades enquanto lócus aglutinador de cultura local que transita e dialoga com as demais culturas por meio dos movimentos de (e)migração, de redes de convívio social, com padrões comportamentais que se impõem a partir da lógica capital e de demanda costumizados que acabam por legitimar os dogmas e as regras de doutrinas a serem seguidas por aqueles que transitam nesse universo, com direitos e deveres e que acabam por serem chamados de cidadãos. Nesse sentido iremos demonstrar relação estabelecida entre as cidades e as feiras, destacando a reciprocidade de uma em relação a outra quantos as suas formações e desenvolvimentos. Apesar de estarmos desenvolvendo um estudo comparativo entre as feiras nordestinas do Brasil: em Salvador (São Joaquim), Caruaru-PE e Campina Grande-PB e as feiras nortistas em Portugal: Ponte de Lima, Vila do Conde e Barcelos, para nossa tese de Doutoramento (Universidade do Minho e UFBA) intitulada Continuidade e mudança no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1985-2010), em fase de elaboração, elegeremos as feiras de Ponte de Lima em Portugal e de Campina Grande-PB no

Brasil, para explorar nesse trabalho, diante da representação que as mesmas tem no que concerne o desenvolvimento económico, social e político que as mesmas detiveram no passado diante da sua formação e ainda detêm frente a actualidade, mesmo diante dos impactos e “embates” das novas formas de consumo adquiridas nos equipamentos urbanos modernos, como: os supermercados, hipermercados, shopping center, lojas de conveniência, que o mundo global disponibiliza na actualidade. O nosso texto terá seu início dedicado aos conceitos de feiras utilizados ao longo do tempo, sejam elas feiras livres, francas ou feiras pagas que se configuram geralmente entorno ao mercado municipal, se faz necessário esclarecer a feira sempre fora vista como a ideia de comércio na antiguidade pelo fato do conceito de feira só ser empregado a partir do século XV mas a actividade comercial envolvendo relações de trocas é bastante antiga e foi verificada nas aldeias e cidades desse período onde as pessoas levavam suas mercadorias. O templo por exemplo não era uma área puramente religiosa servia também como “propriedade de comércio”, onde os bens eram remanufaturados basta lembrarmos a passagem bíblica quando Jesus expulsa os mercadores do templo. Dando continuidade no segundo momento do texto trataremos efectivamente da relação estabelecida entre as feiras e as cidades, no tocante aos aspectos de aldeamento, de povoamento, o que desencadeará posteriormente no desenvolvimento dessas cidades que tem a feira como aporte mercantil, aglutinador de movimentos de mercadorias, de compradores e de vendedores. Notadamente sobre as feiras portuguesas sabe-se que as mesmas não originaram as cidades, entretanto os autores não negam que foram fundamentais para o desenvolvimento das cidades, é o caso da feira de Ponte de Lima, localizada na região norte de Portugal, constituiu ao longo dos séculos um pólo dinamizador da actividade económica regional, uma vez que concentrava pessoas de várias localidades do districto de Viana do Castelo, bem como de toda a província do Minho e da região da Ribeira Lima. A feira realizava-se quinzenalmente às segundas-feiras, e até hoje ainda é assim. Representa a feira mais antiga do território português, datada de 1125, diante do Foral concedido por D. Teresa, que condenava o pagamento de 60 soldos a todos os homens que viessem a feira. As feiras portuguesas desde a sua origem foram consideradas como encontros periódicos, realizados uma vez por semana, quinzenalmente ou uma vez por ano, e sendo anual, como as feiras francas duravam e ainda duram quando tem uma semana inteira. Na sua origem serviam como suporte para suprir as necessidades das explorações económicas da zona rural, que tinham como principais produtos no inverno trigo, centeio, aveia e cevada e no verão o milho, a uva para o fabrico de vinho, os legumes, feijão, favas, ervilhas, lentilhas, maçãs, peras, ameixas, figos, pêssegos, nozes, avelã, o linho para o vestuário, se vendia tecidos nas feiras, e ainda se conserva algumas barracas para comercialização de tecidos e manufaturas de armarinhos, e principalmente no passado o comércio do gado vivo. Já no caso do Brasil, sabemos que muitas feiras além de contribuírem para o desenvolvimento das cidades, também foram na sua origem responsáveis pelo surgimento da aldeia, que posteriormente se tornou povoado, depois vila, chegando a cidade, é o caso da cidade de Campina Grande-PB, situada na região nordeste, num local propício a cultura de mandioca, do milho e de outros cereias. No século XVII foram se edificando as primeiras casas de taipa e em breve surgiu a primeira rua denominada rua das barrocas: Em função da agricultura, da mandioca, de ser pouso obrigatório dos boiadeiros e tropeiros, diante do seu posicionamento geográfico, situada nas bordas orientais do Planalto da Borborema, entreposto comercial para aqueles que

atravessavam o rio São Francisco pelo interior, e para aqueles que iam do litoral para o interior e do Sertão para a costa . Em 1826 a cidade crescia em direcção ao Sertão, a cada dia que se passava Campina Grande ia se afirmando como cidade-mercado, com influência em todo o interior nordestino, ao mesmo tempo que se tornava porta oriental do sertão da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. No início do século XIX a feira de gado tornou-se a mais importante do interior nordestino, a de cereais encontrava concorrência com as feiras de Areia (que atraía os tropeiros do Seridó e Curimataú), Icó (no Ceará, que desviava a parte dos tropeiros do Sertão Paraibano), Limoeiro e Timabauba de Mocós em Pernambuco.

Dialogaremos nesse texto com os seguintes teóricos: ANDRADE, Manuel Corrêa de, SANTOS, Boaventura de Sousa, IANNI, Octavio; MOTT, Luiz; RAU, Virgínia; HUBERMAM; PINTAUDI; HARVEY; CHILDE, Gordon; SANTOS, Milton e LE GOFF, Jacques.